

AUXILIARES DE ACÇÃO EDUCATIVA E SOCORRISMO: UMA COMBINAÇÃO FORMATIVA

Jorge Bonito¹

¹ Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora. jbonito@uevora.pt

1. – A FORMAÇÃO DE AUXILIARES DE ACÇÃO EDUCATIVA

O ano lectivo de 1998-1999 ficou marcado, no âmbito da organização escolar, pela implementação de um novo regime de autonomia, administração e gestão das escolas de educação e ensino não-superior. Este novo modelo organizativo convoca toda a comunidade escolar para a construção, execução e avaliação do projecto educativo, e reclama uma particular atenção da organização e desenvolvimento de processos formativos dos diversos intervenientes e, de um modo especial, do pessoal não docente.

De facto, o sistema de formação contínua de docentes, completamente implementado, desenvolvido e consolidado, permitia, naquele momento, o alargamento da intervenção formativa a agentes educativos não docentes. Procurar-se-ia permitir a realização de projectos integrados de formação, centrados na escola, que seriam mecanismos geradores da eficácia da formação dos docentes e promotores da melhoria da qualidade educativa dos serviços prestados aos alunos. Por outro lado, as alterações que se operaram no espaço escolar, com a dinamização e animação de bibliotecas, centros de recursos, laboratórios científicos, instalações desportivas e oficinas tecnológicas diversificadas, e ainda o equipamento das escolas com equipamento *multimedia*, não deixavam antever outra perspectiva que não contemplasse a formação do pessoal não docente numa representação de actualização e modernização da administração educativa.

Reconhecendo o significado destes pressupostos, o PRODEP passou a abranger o financiamento de actividades formativas cujos formandos são, para além dos docentes do ensino não superior, o pessoal técnico, administrativo e de acção educativa em exercício de funções diversificadas nas escolas, através da metodologia de projectos piloto da iniciativa preferencial dos centros de formação de associação de escolas¹. As acções de formação profissional devem incidir prioritariamente sobre as seguintes áreas: i) Relação pedagógica e relações humanas; ii) Desenvolvimento organizacional; iii) Gestão e administração escolar; iv) Áreas específicas da actividade profissional; e v) Tecnologias de informação e comunicação. A formação profissional poderá assumir uma das seguintes modalidades, não obstante poderem conjugar-se duas ou mais: i) cursos de formação; ii) módulos de formação; iii) oficinas de formação; iv) seminários; e v) jornadas. Esta formação reveste-se sob a forma de projecto piloto de formação integrada, e para além do regime presencial poderá contemplar-se a frequência à distância.

As acções de formação no Centro FEVIP², objecto deste artigo, desenvolveram-se sob a modalidade de curso, que tem, nos termos legais, uma duração mínima de 15 horas, e um número de formandos por turma, mínimo e máximo, de respectivamente, 20 e 30. Esta

¹ O Despacho conjunto dos Ministérios da Educação e do Trabalho e da Solidariedade n.º 421/98 de 9 de Fevereiro veio introduzir as necessárias alterações no regulamento do PRODEP.

² O Centro FEVIP constitui um centro de formação de associação de escolas. Está sediado na Escola Secundária André de Gouveia, em Évora e resultou da associação de duas escolas secundárias, duas escolas do ensino básico com 2.º e 3.º ciclos e também uma com ensino secundário, um jardim-de-infância e uma escola básica integrada com jardim-de-infância, duas áreas escolares, uma escola do 1.º ciclo do ensino básico e uma escola de ensino privado do concelho.

formação destina-se a técnicos de serviços especializados das escolas, a chefes de serviços de administração escolar, a encarregados de pessoal auxiliar de acção educativa, a oficiais administrativos, a técnicos auxiliares de laboratório, e a auxiliares de acção educativa com funções de atendimento ao público e de apoio directo aos alunos e ainda no exercício de funções de apoio a bibliotecas escolares, mediatecas, centros de recursos e laboratório.

Este processo de melhoria da qualidade do ensino e resposta com eficácia aos desafios colocados pela emergência da sociedade da informação e do conhecimento, requer uma formação de docentes e de outros agentes educativos, reconhecida igualmente pela acção 5.1 da medida n.º 5 do eixo n.º 3 do PRODEP III³, que abrange o financiamento de acções de formação dirigidas a pessoal docente e não docente da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário e ainda a outros agentes da educação, que contribuam para melhorar o respectivo desempenho profissional e permitir a aquisição e a mobilização de novas qualificações, bem como o desenvolvimento de competências acrescidas.

O novo regime jurídico do pessoal não docente dos estabelecimentos públicos de educação e ensino não superior⁴ consagrou um dos seus capítulos à formação profissional, como elemento estruturante de uma escola de qualidade, onde todos os profissionais da educação desempenham um papel relevante. Por outro lado, a criação da carreira de assistente de acção educativa⁵ veio atribuir complexas funções a estes profissionais. Os conteúdos funcionais aprovados pela Portaria 63/2001 de 30 de Janeiro remete o pessoal não docente para uma imbricada colaboração com o pessoal docente no processo educativo das crianças e dos jovens. Tais desempenhos só serão efectivamente realizáveis se estes profissionais compreenderem o comportamento dos educandos, através de um estudo sobre desenvolvimento psico-afectivo-motor e intelectual, com o respectivo enquadramento nos ambientes sociais, culturais e familiares. Será preciso acentuar que a sociedade actual se encontra enriquecida pela multiculturalidade, de diferenças individuais, culturais, sociais e religiosas, onde a base de diálogo e o atendimento personalizado devem descrever com exactidão as relações humanas e permitem construir uma imagem de qualidade da escola, enquanto comunidade educativa.

Com base nestes pressupostos, e atendendo a que o direito-dever à formação está claramente reconhecido nos artigos 49.º e 52.º do regime estatutário do pessoal não docente, os Ministérios da Educação, do Ambiente e do Ordenamento do Território e da Reforma do Estado e da Administração Pública firmaram um despacho⁶ que define os objectivos gerais a atingir, bem como os temas e subtemas da formação que devem presidir à elaboração dos conteúdos programáticos da formação inicial para o ingresso na carreira de assistente de acção educativa e para a reconversão profissional de auxiliares de acção educativa. Entendem os legisladores que, com esta linha de formação, será possível dotar ao pessoal não docente os saberes e as competências necessários, de modo a contribuírem decisivamente para a melhoria da acção educativa, intervindo de maneira consciente e eficaz na vida comunitária escolar.

De entre os 5 temas de formação inicial para o ingresso na carreira de assistente de acção educativa, e para a reconversão profissional de auxiliares de acção educativa, a «Escola promotora de saúde» surge num enquadramento de equilíbrio que preenche 15%

³ O Despacho conjunto dos Ministérios da Educação e do Trabalho e da Solidariedade n.º 984/2001 de 3 de Outubro aprovou o regulamento que define o acesso aos apoios concedidos no âmbito da medida n.º 5, acção n.º 5.1, «Formação contínua e especializada nos ensinos básico e secundário», da Intervenção Operacional da Educação (PRODEP III).

⁴ Decreto-Lei n.º 515/99, de 24 de Novembro.

⁵ Decreto-Lei n.º 234-A/2000, de 25 de Setembro.

⁶ Despacho conjunto n.º 466/2002 de 26 de Março.

do total da formação. Este tema D encontra-se dividido em 3 sub-temas: D₁ - Higiene, prevenção e segurança; D₂ - Socorrismo; e D₃ - Educação alimentar. Relativamente às metodologias a empregar, é referido que «a formação inicial, qualquer que seja a sua modalidade, deve contemplar metodologias diferenciadas que promovam a aprendizagem de saberes adequados às exigências das diferentes funções, valorizando as experiências sentidas e vividas, e que favoreçam práticas de análise e de envolvimento construtivo com o meio».

No que se refere ao referencial de competências básicas após a formação inicial, no sub-tema D₂, o formando deve atingir os objectivos seguintes: i) Definir o conceito de socorro; ii) Distinguir entre as actividades de socorrista, enfermeiro e médico; iii) Accionar mecanismos de socorro e de alerta; iv) Caracterizar vários tipos de acidentes em meio escolar; v) Avaliar a situação da vítima através de diagnóstico; e vi) Utilizar técnicas gerais de primeiros socorros.

Neste contexto, os Ministros da Educação, do Ambiente e do Ordenamento do Território, e da Reforma do Estado e da Administração Pública assinaram em 26 de Março de 2002 o Regulamento da Formação Inicial, Contínua e Especializada do Pessoal não Docente dos Estabelecimentos da Educação e Ensino não Superior⁷. E na continuidade do trabalho que vinha a ser realizado, os centros de formação de associação de escolas são considerados como entidades formadoras competentes.

2. -PLANO DE FORMAÇÃO EM SOCORRISMO E RESPECTIVO PLANEAMENTO DIDÁCTICO

Tendo o Centro FEVIP proposto ao conselho Coordenador de Formação contínua a acreditação de duas acções de formação, em 14 de Dezembro de 1999 a Direcção-Geral da Administração Educativa concedeu-lhe as respectivas acreditações para as acções de formação «Gestos que Salvam Vidas I: Ressuscitação Cardiopulmonar e Hemorragias/Choque», com o número DGAE/04-1531/99, e «Gestos que Salvam Vidas II: Abordagem ao Trauma», com o número DGAE/04-1532/99. Estas acções de formação sob a modalidade de curso, cada uma com 45 horas de duração (30 horas práticas e 15 horas teóricas), realizaram-se, respectivamente, entre 14 de Março e 7 de Abril, e 2 e 25 de Maio de 2000, na Escola Secundária André de Gouveia.

No âmbito do PRODEP III, o Centro FEVIP decidiu dar continuidade à formação na área do socorrismo. Reeditou as acções de formação já referidas, e acreditadas, realizando-as nos períodos, respectivos, de 8 de Abril a 13 de Maio, e de 20 de Maio a 28 de Junho de 2002. Segundo a actual Directora do Centro FEVIP, Maria Fernanda Carrageta, embora o plano de formação para 2002 tivesse sido da competência do anterior Director do Centro, a avaliação das acções de formação realizada no ano de 2000 foi muito positiva, vindo ao encontro das detectadas necessidades de formação dos formandos, e daí impor-se como muito oportuna a sua nova realização.

Os formandos que frequentaram estas acções de formação apresentavam a categoria profissional de auxiliar de acção educativa, embora, com as devidas excepções, coexistissem, ainda, um auxiliar de serviços gerais, um guarda-nocturno, e uma técnica auxiliar principal. O Centro FEVIP autorizou, para além destes formandos, que um auxiliar de acção médica do Hospital do Espírito Santo de Évora e uma telefonista da Universidade de Évora frequentassem os referidos cursos. A média de idades dos formandos era de 40,0 anos, sendo a classe 36-40 anos aquela que apresenta maior frequência, seguida da classe 45-50 anos. As 4 acções de formação contemplaram 80 formandos. Cerca de 41% dos formandos tinha entre 1 e 5 anos de serviço, sendo seguidos pelo grupo, de 26%, que já prestou serviço, no limite máximo, de 10 anos.

⁷ Portaria n.º 532/2002, de 18 de Maio.

Cerca de 67% dos formandos não ultrapassava o 6.º ano de escolaridade, e que somente 16% tinha o 12.º ano como habilitações literárias. Foram 20 os centros de educação e de ensino contemplados com estas acções de formação.

O formador com intervenção no âmbito da formação contínua do pessoal não docente nas acções descritas satisfazia os requisitos fixados no respectivo regime jurídico, encontrando-se certificado nessa qualidade pelo concelho científico-pedagógico da formação contínua de professores e pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional. Do seu currículo destacam-se, ainda, algumas particularidades, como, por exemplo, a certificação de instrutor de socorrismo (Direcção de Ensino de Socorrismo da Cruz Vermelha Portuguesa) e a de instrutor de suporte básico de vida (Conselho Português de Ressuscitação), a experiência de campo em emergência pré-hospitalar e a autoria de um livro dedicado ao tema da acção de formação.

Os objectivos definidos para as acções de formação são os que, a seguir, se discriminam (Quadro 1):

Quadro 1

Objectivos de aprendizagem das acções de formação «Gestos que Salvam Vidas I: Ressuscitação Cardiopulmonar, Hemorragias/Choque» e «Gestos que Salvam Vidas II: Abordagem ao Trauma».

OBJECTIVOS DA ACÇÃO GSV I	OBJECTIVOS DA ACÇÃO GSV II
<ul style="list-style-type: none">• Conhecer as dez principais causas de morte no Mundo, na Europa e em Portugal.• Reconhecer a importância de um sistema de emergência médica pré-hospitalar na promoção da saúde.• Conhecer o sistema integrado de emergência médica português.• Reconhecer a importância do <i>bystander</i> na cadeia de sobrevivência.• Relembrar conhecimentos teóricos básicos de biologia humana.• Compreender o conceito de doença.• Identificar situações que colocam em risco a vida de uma pessoa.• Conhecer medidas de protecção.• Realizar os exames primário e secundário a um paciente.• Aplicar técnicas de suporte básico de vida em pacientes adultos, crianças e bebés.• Descrever os métodos de desobstrução das vias aéreas.• Aplicar métodos de controlo de hemorragias.• Compreender as medidas de prevenção do <i>shock</i>.• Identificar potenciais substâncias tóxicas no local de trabalho.• Conhecer medidas de socorro numa intoxicação.• Desenvolver as «qualidades de um	<ul style="list-style-type: none">• Conhecer as dez principais causas de morte no Mundo, na Europa e em Portugal.• Reconhecer a importância de um sistema de emergência médica pré-hospitalar na promoção da saúde.• Conhecer o sistema integrado de emergência médica português.• Reconhecer a importância do <i>bystander</i> na cadeia de sobrevivência.• Relembrar conhecimentos teóricos básicos de biologia humana.• Compreender o conceito de doença.• Identificar situações que colocam em risco a vida de uma pessoa.• Conhecer medidas de protecção.• Realizar os exames primário e secundário a um paciente.• Aplicar técnicas de suporte básico de vida em pacientes adultos e crianças.• Descrever os mecanismos do trauma.• Demonstrar a abordagem ao paciente vítima de trauma.• Conhecer as medidas de actuação em caso de neurotraumatologia.• Caracterizar a actuação do socorrista nos traumas torácico e abdominal.• Proceder à lavagem, desinfectação e cobertura de feridas.• Realizar a cobertura do corpo humano com ligaduras elásticas e triangulares.• Aplicar os procedimentos de emergência em ortotraumatologia.

bom socorrista».

- Orientar a sua conduta pelo «decálogo do socorrista».

- Descrever a actuação do socorrista em traumas térmicos.

- Caracterizar doenças súbitas mais frequentes.

- Sistematizar a actuação do socorrista em caso de doenças súbitas.

- Desenvolver as «qualidades de um bom socorrista».

- Orientar a sua conduta pelo «decálogo do socorrista».

Os conteúdos programáticos, e a respectiva calendarização, apresentam-se no Quadro 2:

Quadro 2

Conteúdos programáticos, e respectiva calendarização, das acções de formação «Gestos que Salvam Vidas I: Ressuscitação Cardiopulmonar, Hemorragias/Choque» e «Gestos que Salvam Vidas II: Abordagem ao Trauma».

CONTEÚDOS GSV I	SESSÕES DE 3 h	CONTEÚDOS GSV II	SESSÕES DE 3 h
1 - Protecção e Promoção da Saúde	2	1 - Protecção e Promoção da Saúde	2
2 - Princípios gerais de socorrismo	1	2 - Princípios gerais de socorrismo	1
3 - O exame do paciente e posições de espera e de transporte	2	3 - O exame do paciente e posições de espera e de transporte	2
4 - Suporte Básico de Vida	5	4 - Suporte Básico de Vida	3
5 - Hemorragias	2	5 - Trauma	3
6 - <i>Shock</i>	1	6 - Doenças súbitas	3
7 - Intoxicações	1	Avaliação	1
Avaliação	1		

Vejamos, agora, uma descrição, sumária, do tipo de metodologias de ensino de aprendizagem aplicadas. Ambos os cursos iniciaram com uma dinâmica própria para o conhecimento inter-formandos, e entre estes e o formador. Foi realizada, de seguida, uma apresentação de estudos de caso, sob a forma de diapositivos, cobrindo a quase totalidade das matérias a estudar durante as sessões formativas. Em todo o processo de ensino foi dada especial atenção a três níveis de desenvolvimento: conhecimento substantivo e processual, competências, raciocínio, e atitudes.

No desenvolvimento do processo de aprendizagem foi considerado como factor importante, para um trabalho bem sucedido, as atitudes que promovam o desenvolvimento global do formando, fomentando um pensamento criativo, crítico e prático. Para isso, procurou-se, em todo o momento, que a informação apresentada cumprisse as duas condições básicas para que adquirisse significado psicológico e gerasse aprendizagens significativas.

Uma vez que os formandos são agentes educativos, o ensino dos temas partiu sempre de estudos de caso, com os quais eram diagnosticadas as actuações de emergência que os formandos teriam naquelas situações. Seguiu-se o confronto e encontro argumentativo entre formando-formador, acerca do exposto pelos formandos, e a clarificação e explicitação do tema, através da procura de subsunçores adequados.

Na continuação, o formador realizava uma técnica específica no seu andamento normal. Num segundo momento, desenvolvia a mesma técnica, embora explicando o que fazia em cada passo. Solicitava, depois, que os formandos descrevessem a técnica, enquanto o formador, segundo as orientações deles, a realizava. Por último, os formandos repetiam a técnica, de forma prolongada e em sub-grupos, necessariamente supervisionada, procurando-se o desenvolvimento de gestos mecânicos perante a situação-problema.

Vê-se que houve o propósito, claramente, de provocar, por um lado, aprendizagens significativas, e, por outro, aprendizagens mecânicas. Na verdade, estes conceitos não são dicotómicos. Estes tipos de aprendizagem são, antes, os extremos de um *continuum* de aprendizagens. Daí que se «navegasse» entre o estudo teórico do caso e da técnica através da clarificação de relação entre conceitos, ou mesmo com exposições orais, e a sua execução fosse levada ao limite da mecanicidade para oferecer-se como resposta imediata um estímulo em situação de socorro.

Dada esta especificidade dos conteúdos, as estratégias utilizadas basearam-se, quase sempre, em metodologias activas e participativas, com especial atenção na promoção do trabalho em equipa. *A posteriori*, o formador fazia uma ponte de transposição entre as competências adquiridas, o estudo de caso, e a sua aplicabilidade em situação de acto.

Foram estabelecidos contactos com a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Évora, e disponibilizada uma ambulância do tipo B para observação. Os formandos tiveram oportunidade de confrontar o equipamento em uso nas aprendizagens com a carga de uma ambulância, e contactar directamente com os recursos usados nos postos de emergência. Fez-se, ainda, a apresentação de um tripulante de ambulância de socorro (TAS), com um breve relato das suas experiências pessoais no campo da emergência. Seguiu-se, depois, uma partilha de experiências dos formandos, e troca de pedidos de esclarecimento e várias perguntas ao TAS acerca da sua actividade.

Os recursos didácticos utilizados foram variados e considerados, conforme se descreve: recursos áudio-visuais (transparências, diapositivos, filmes, material clínico diverso, manequins de treino de RCP. O *ratio* manequim de treino de RCP/formando foi de 1:2⁸. Será importante destacar que, com a aquiescência do Centro FEVIP, muito do referido material clínico foi ofertado aos formandos, com o objectivo de constituírem a sua mala de primeiros socorros, e o restante, não usado, serviu para guarnecer um armário e duas bolsas de primeiros socorros. Foram utilizados três mecanismos de barreira na prática de RCP: uma face do manequim por cada formando, ou, em alternativa, a sua limpeza com desinfetante; uso de um saco de ventilação individual (AMBU[®] MULTIMAN[™]); e utilização de uma máscara LAERDAR[®] para práticas de ventilação artificial.

Este tipo, e variedade, de equipamento gerou grande dinamismo, auto-aprendizagem, cooperação entre formandos, experimentação livre de novas situações, e uma orientação individual mais precisa por parte do formador. Quarenta dos formandos, nas quatro acções, não registaram falta alguma, e 17 formandos faltaram a uma/duas sessões. Para além de outras interpretações, estes dados revelam um elevado sentido de responsabilidade dos formandos pelo acto formativo, e, em última análise, uma forte motivação que apela à presença nas aulas.

⁸ a) AMBU[®] MULTIMAN[™], que permitem autocontrolo por parte do formando da extensão do tórax, e da pressão de compressão torácica; b) AMBU[®] MAN[™], que para além do *skillmeter* possui uma ligação ao AMBU[®] CPR software Kit, permitindo elevados níveis de proficiência e de trabalho autónomo de aperfeiçoamento; c) Resuci[®] Anne[™] da LAERDAR, com *skillguide*[™]; d) Resuci[®] Little Anne[™] da LAERDAR; e) AMBU[®] BABY; e f) Kyle da Simulaids, inc. (criança).

3 – RESULTADOS DE APRENDIZAGEM

A avaliação dos formandos revestiu-se de quatro modalidades. A primeira, de carácter diagnóstico, já apontada, foi realizada no início do programa de formação e de cada unidade temática, visando averiguar a estrutura cognitiva do formando para se construírem aprendizagens significativas. A avaliação formativa, a mais importante, desenvolveu-se em *continuum* em todas as sessões, e procurou aquilatar acerca o processo de aprendizagem do formando no decorrer desta. A avaliação sumativa pretendeu avaliar a consecução do formando no final do curso. O conhecimento substantivo foi avaliado através de um teste escrito, com 34 e 46 perguntas com resposta de escolha múltipla, respectivamente para os cursos GSV I e GSV II, (Quadro 3). A avaliação dos saberes processuais e das técnicas, dada a natureza do curso, transferiu-se para a avaliação formativa, com carácter de recolha de informação e actuação no reforço ou emenda de determinadas técnicas, bem como as formas da avaliação formadora acerca das atitudes e tipos de raciocínio. Por fim, a avaliação prognóstica foi desenvolvida no final da última sessão, focalizando os potenciais projectos a desenvolver na escola de origem.

Quadro 3

Percentagem de acertos nas perguntas dos testes de avaliação sumativa.

Acertos (%)	GSVI 00	GSVII 00	GSVI 02	GSVII 02	Totais
90-100	1	1	2	0	4
75-89	1	1	1	6	9
50-74	10	13	12	9	44
25-49	5	6	4	2	17

Cerca de 60% dos formandos que beneficiaram destas acções de formação acertaram entre 50-74% das respostas do teste de avaliação sumativa, cerca de 23% ficou aquém do ponto médio de acertos. Temos várias explicações interpretativas para estes dados. Uma delas está associada à natureza do próprio instrumento de avaliação. Na verdade, o *feedback* recolhido nas acções GSV I e GSV II, realizadas no ano de 2000, permitiu otimizar os instrumentos, e obter melhores resultados nas edições dos cursos no ano de 2002. Relativamente às técnicas, em situação formativa, todos os formandos apresentaram níveis de proficiência adequados.

4 – AVALIAÇÃO DAS ACÇÕES DE FORMAÇÃO

As acções de formação foram avaliadas pelos formandos por intermédio de dois questionários, propriedade do Centro FEVIP. Os Quadros 4-15 apresentam os dados recolhidos pela aplicação dos questionários de opinião.

Quadro 4

Parâmetros de avaliação da acção de formação pelos formandos.

Parâmetros	GSVI 00	GSVII 00	GSVI 02	GSVII 02	Totais
Realização dos objectivos da acção de formação	4,35	3,94	4,22	4,17	4,17
Adequação da metodologia utilizada na componente teórica	4,47	3,82	4,33	4,33	4,24
Adequação da metodologia utilizada na componente prática	4,41	4,16	4,50	4,26	4,33
Transferência da aprendizagem para melhoria do desempenho profissional	4,14	3,88	4,17	4,12	4,08
Adequação da duração	3,24	3,12	3,56	3,56	3,37
Adequação da gestão dos recursos materiais	4,17	3,88	4,28	4,06	4,10

Qualidade das instalações	3,58	3,44	4,28	3,67	3,74
Adequação do processo de avaliação	3,93	3,92	4,17	4,00	4,01

Legenda: 1 - nada; 2 - pouco; 3 - suficiente; 4 - muito; 5 - muitíssimo.

O item que registou menor média foi o relativo à duração do curso (3,37). Na verdade, muitos formandos comentaram que a acção de formação deveria ter maior carga horária. Segue-se a qualidade das instalações. A maior média (4,33) verificou-se na adequação do tipo de metodologias utilizadas na componente prática do curso. Ainda assim, a média de todos estes parâmetros situou-se 1,00 pontos acima do ponto médio esperado.

Quadro 5

Parâmetros de avaliação da acção de formação pelos formandos.

		INSUF (%)	SUF (%)	BOA (%)	MT BOA (%)
Este curso contribuiu para o incentivo à autoformação	GSV I 00	0	6,3	37,5	56,3
	GSV II 00	(a)	(a)	(a)	(a)
	GSV I 02	0	0	31,6	68,4
	GSV II 02	0	5,6	38,9	55,5
Este curso contribuiu para o aperfeiçoamento da competência profissional de forma:	GSV I 00	0	5,9	47,1	47,1
	GSV II 00	(a)	(a)	(a)	(a)
	GSV I 02	0	0	31,6	68,4
	GSV II 02	0	11,1	33,3	55,5

(a) Elementos não disponíveis no Centro FEVIP.

Na opinião de 48% dos formandos, estes cursos terão constituído uma boa/muito boa contribuição para a sua autoformação. Corroborando a opinião dada anteriormente, acerca deste assunto, cerca de 47% dos formandos considerou que estes cursos irão contribuir para o seu aperfeiçoamento enquanto profissionais.

Quadro 6

Parâmetros de avaliação da acção de formação pelos formandos.

		NADA (%)	POUCO (%)	MUITO (%)
Os conteúdos abordados foram:				
Fáceis de assimilar	GSV I 00	0	20,0	80,0
	GSV II 00	(a)	(a)	(a)
	GSV I 02	0	35,0	45,0
	GSV II 02	0	18,8	81,2
Inovadores	GSV I 00	0	14,3	85,7
	GSV II 00	(a)	(a)	(a)
	GSV I 02	0	0	80
	GSV II 02	0	6,3	93,7
Pertinentes	GSV I 00	14,3	21,4	64,3
	GSV II 00	(a)	(a)	(a)
	GSV I 02	20,0	15,0	35,0
	GSV II 02	12,5	25,0	62,5
Relevantes	GSV I 00	0	7,1	92,9
	GSV II 00	(a)	(a)	(a)
	GSV I 02	5,0	0	70,0
	GSV II 02	0	6,3	93,7
Úteis	GSV I 00	0	0	100
	GSV II 00	(a)	(a)	(a)
	GSV I 02	0	0	100
	GSV II 02	0	5,6	94,4

(a) Elementos não disponíveis no Centro FEVIP. (a) Elementos não disponíveis no Centro FEVIP.

Alguns formandos (cerca de 17%) opinaram que não tinha havido pertinência dos conteúdos tratados no cursos GSV I, e outros (24,6%) que, de uma forma geral, são pouco fáceis de assimilar.

Quadro 7

Parâmetros de avaliação da acção de formação pelos formandos.

		NADA (%)	POUCO (%)	MUITO (%)
O curso frequentado correspondeu às necessidades de formação	GSV I 00	0	5,9	94,1
	GSV II 00	(a)	(a)	(a)
	GSV I 02	0	0	100
	GSV II 02	0	0	100

(a) Elementos não disponíveis no Centro FEVIP.

Muito embora alguns formandos (cerca de 20%) tenham considerado alguns dos conteúdos pouco pertinentes, a generalidade disse que os cursos corresponderam às suas necessidades de formação.

Quadro 8

Parâmetros de avaliação da acção de formação pelos formandos.

		POUCO RELEV. (%)	RELEV. (%)	MUITO RELEV. (%)
O curso apresentou aspectos relevantes para a prática Profissional	GSV I 00	0	41,2	58,8
	GSV II 00	(a)	(a)	(a)
	GSV I 02	0	50,0	50,0
	GSV II 02	0	38,9	61,1

(a) Elementos não disponíveis no Centro FEVIP.

Todos os formandos consideram que os cursos tinham aspectos relevantes para a sua prática profissional.

Quadro 9

Parâmetros de avaliação da acção de formação pelos formandos.

		LONGA (%)	ADEQ. (%)	CURTA (%)
A duração do curso foi:	GSV I 00	0	41,2	58,8
	GSV II 00	(a)	(a)	(a)
	GSV I 02	0	70,0	30,0
	GSV II 02	5,6	50,0	44,4

(a) Elementos não disponíveis no Centro FEVIP.

Cerca de 44% dos formandos considerou que as acções de formação tiveram uma curta duração, quando consideradas a quantidade de aprendizagens a realizar.

Quadro 10

Parâmetros de avaliação da acção de formação pelos formandos.

A metodologia utilizada pelo formador foi:	GSVI 00 (%)	GSVII 00 (%)	GSVI 02 (%)	GSVII 02 (%)
Mais debate que exposição	0	(a)	0	0
Equilíbrio entre debate e exposição	47,1	(a)	35,0	38,9
Mais exposição que debate	0	(a)	0	0
Mais teoria que prática	0	(a)	0	0
Equilíbrio entre teoria e prática	88,2	(a)	100	100
Mais prática que teoria	5,9	(a)	0	0

(a) Elementos não disponíveis no Centro FEVIP.

Segundo a opinião dos formandos, parece terem existido bons equilíbrios nas metodologias de ensino, em particular entre o debate e a exposição, e entre a teoria e a prática.

Quadro 11

Parâmetros de avaliação da acção de formação pelos formandos.

		ADEQUADOS (%)	INADEQUADOS (%)
Os recursos didácticos utilizados pelo formador foram	GSVI 00	100	0
	GSV II 00	(a)	(a)
	GSV I 02	95,0	0
	GSV II 02	100	0

(a) Elementos não disponíveis no Centro FEVIP.

Os formandos consideraram que os recursos didácticos apresentados e utilizados foram adequados.

Quadro 12

Parâmetros de avaliação da acção de formação pelos formandos.

		INSUF. (%)	SUFIC. (%)	RELEV. (%)	POUCO RELEV. (%)
A bibliografia fornecida pelo formador foi:	GSV I 00	0	47,1	47,1	0
	GSV II 00	(a)	(a)	(a)	(a)
	GSV I 02	0	65,0	30,0	0
	GSV II 02	0	61,1	38,9	0

(a) Elementos não disponíveis no Centro FEVIP.

Todos os formandos consideraram a bibliografia fornecida como suficiente e relevante. Nos cursos realizados no ano de 2000 foram distribuídos vários conjuntos de fotocópias, tendo-se optado, em 2002, pela oferta a cada formando da obra *Práticas de Primeiros Socorros - Um Guia para Salvar Vidas*, editado pelas Publicações Dom Quixote.

Quadro 13

Parâmetros de avaliação da acção de formação pelos formandos.

		SIM (%)	NÃO (%)
O formador demonstrou competência pedagógica	GSV I 00	88,2	0
	GSV II 00	(a)	(a)
	GSV I 02	90,0	5,0
	GSV II 02	100	0
O formador demonstrou competência científica	GSV I 00	94,1	0
	GSV II 00	(a)	(a)
	GSV I 02	90,0	0
	GSV II 02	94,4	0
O formador demonstrou capacidade de relacionamento	GSV I 00	94,1	0
	GSV II 00	(a)	(a)
	GSV I 02	85,0	0
	GSV II 02	94,4	5,6

(a) Elementos não disponíveis no Centro FEVIP.

Os formandos consideraram que o formador revelou competências pedagógica e científica e capacidade de relacionamento.

Quadro 14

Parâmetros de avaliação da acção de formação pelos formandos.

		ADEQUADO (%)	INADEQUADO (%)
O processo de avaliação das aprendizagens foi	GSV I 00	88,2	0
	GSV II 00	(a)	(a)
	GSV I 02	85,0	0
	GSV II 02	100	0

(a) Elementos não disponíveis no Centro FEVIP.

Todos os formandos respondentes opinaram que o processo de avaliação das aprendizagens foi adequado.

Quadro 15

Parâmetros de avaliação da acção de formação pelos formandos.

		SIM (%)	NÃO (%)
Os espaços utilizados estiveram de acordo com as características do curso	GSV I 00	94,1	5,9
	GSV II 00	(a)	(a)
	GSV I 02	100	0
	GSV II 02	94,4	5,6

(a) Elementos não disponíveis no Centro FEVIP.

A generalidade dos formandos considerou que a gestão proxémica foi adequada e que os espaços destinados aos cursos estiveram de acordo com as suas características.

5 – IMPRESSÕES

5.1 – A Directora do Centro FEVIP

Segundo a Directora do Centro FEVIP, Maria Fernanda Carrageta, os cursos realizados tiveram uma avaliação positiva, no que respeito aos conteúdos tratados, assim como as metodologias. Os formandos terão «aprendido algo de importante para a sua vida pessoal e para a prática profissional». O formador terá sido bem compreendido pela generalidade dos formandos, uma vez que utilizava uma linguagem simples, ao nível dos formandos, sem deixar de ser correcta.

Disse, também, que os formandos têm demonstrado muito interesse neste tema. Embora só pudessem ser admitidos, pela natureza do curso, um número de 20 formandos, existiram 45 candidaturas ao cursos GSV I '02, e 40 para o curso GSV II '02. Este facto levantou uma dificuldade ao Centro FEVIP: a selecção dos formandos, de forma a evitar fricções por rejeição de candidaturas. Os critérios de selecção encontram-se expressos no Regulamento do Centro FEVIP, e incluem a proveniência do formando (escola de origem), o número de formandos por cada escola, e a sua situação contratual. De acordo com a Directora do Centro FEVIP, cada caso é analisado isoladamente e só após um estudo detalhado da situação o Centro decide.

Na entender de Maria Fernanda Carrageta, o tema dos primeiros socorros continua a ser muito importante. Nesse âmbito, o Centro FEVIP terá sido pioneiro na formação do pessoal não docente, tendo iniciado uma formação na área no ano de 2000, seguida em 2002, sem que para tal fosse necessário existir legislação a que tal obrigasse. Com a nova carreira dos assistentes de acção educativa, e com os conteúdos programáticos definidos no Despacho conjunto n.º 466/2002 publicado em 27 de Abril de 2002, o socorrismo passou a integrar o tema da «Escola promotora da saúde», com cerca de 5% do tempo de formação daquele profissional (aproximadamente 13 h de formação), dando assi, mais significado à formação nesta área.

5.2 Os formandos

Foi pedido aos formandos, por escrito, que expressassem pela mesma via a sua opinião sobre o mais lhes tinha agradado no curso que tinham frequentado, bem como os aspectos considerados menos positivos. Desses resultados damos conta nos Quadros 16 e 17:

Quadro 4.21

Aspectos positivos das acções de formação considerados pelos formandos.

Aspectos positivos

Frequência
(ni)

1	O tipo de aprendizagens geradas. Alguns formandos não tinham noções correctas acerca dos procedimentos em emergência.	16
2	A utilidade das aprendizagens realizadas: no aspecto pessoal e na prática profissional.	4
3	O convívio e a camaradagem que se desenvolveu interpares.	12
4	A competência do formador. O tipo de conhecimentos que demonstrou, a pertinência dos comentários, a dedicação para promover as aprendizagens e a sua simpatia. O tipo de metodologias utilizadas, em particular nas aulas práticas.	24

Quadro 4.22

Aspectos a melhorar das acções de formação considerados pelos formandos.

Aspectos a melhorar	Frequência (ni)
1 A duração do curso. Houve pouco tempo para aprender em função da grande extensão de matérias do Programa.	6
2 O desinteresse de alguns colegas formandos, manifestado em comportamentos desadequados. A falta de motivação de alguns formandos.	2

Um formando teve uma interessante experiência, a nível de primeiros socorros, na escola onde trabalha, e disso veio dar conta numa das sessões de formação. Decidimos entrevistá-lo, e aproveitar para revelar alguns elementos do seu pensamento que nos parecem úteis ao momento. Segundo o formando, existiram basicamente dois motivos para frequentar as acções de formação:

Em primeiro lugar, era-me exigido profissionalmente 250 horas de formação. Perante o quadro de temas, o que me despertou algum interesse, embora sem conhecimento prévio, foi os primeiros socorros. À parte da parte profissional, também queria, de alguma maneira, ficar com algumas luzes relativamente a problemas que até podem surgir com os meus familiares, ou problemas a nível profissional, uma vez que se lida aqui [na escola] com muitos alunos. Para o segundo curso as motivações foram diferentes. A primeira fase veio elucidar aquilo que eram os primeiros socorros, porque eu estava fora de tudo isso. A segunda fase acho que foi já um aproveitar de conseguir mais conhecimentos do que aqueles que consegui a nível da primeira.

Logo após as primeiras sessões formativas, alguns sentimentos perturbadores assolaram o formando:

Relativamente às primeiras aulas surpreenderam-me, porque eu pensava que aquilo ia tratar de umas pequenas feridas, um penso, uma desinfeção, uma ligadura por cima da ferida, e fiquei estupefacto quando vi que realmente as coisas não eram aquilo que eu estava a pensar. Aprofundava-se muito mais, tínhamos que ir mais ao fundo da questão a nível de conhecimentos. Nunca me passou pela cabeça que me fosse dado a conhecer todas as partes do corpo humano, que eu à partida nem estava a pensar que íamos dar essa matéria, mas que depois cheguei à conclusão de que tudo aquilo era necessário, porque nós demos a parte integrante toda do corpo, membros superiores, membros inferiores, cabeça, a nível de artérias, vasos, veias (...), que eu nunca me passou pela cabeça que fosse tão profundo, que os conhecimentos que tivesse de adquirir que eram tão profundos.

Foi chato, ali uns dias. Pensei assim: «mas afinal, para que é que eu tenho de saber isto tudo?» Com o andar dos dias, e vindo depois juntar-se à parte teórica a prática, cheguei à conclusão de que tudo aquilo era necessário. Deparam-se situações, que se a gente não souber porque é que está a calcar num sítio ou está a calcar no outro, ou porque é que o doente lhe dói aqui, ou porque é que a hemorragia está a ser aqui e onde é que a pode controlar, e então se não tiver conhecimentos da parte integrante do corpo humano, nunca chega a lado nenhum. E então cheguei à conclusão que tudo aquilo, que eu à partida me tinha surpreendido, tinha de ser mesmo assim, e de bom agrado, ao fim e ao cabo, acabei por aceitar a segunda parte, porque era a continuação da primeira. As coisas separadas, se calhar, não faziam muito sentido, os conhecimentos tinham que ser o seguimento uma coisa da outra.

Acerca da pertinência dos assuntos tratados, o formando também fez um comentário:

Hoje penso, depois de tudo aquilo que se passou, é que todas estas coisas que fui assimilando ao longo do curso, se calhar, têm a ver com a vida particular, a vida profissional, e de um momento para o outro podem ser necessárias. Tanto faz na profissão, porque se lida com muita gente e é natural acontecerem problemas, tanto faz em casa, que pode surgir um problema qualquer, em que o auxílio de outras pessoas esteja um bocado longe e demore, e nós tenhamos ter a noção do que são os primeiros socorros e tentar

fazer as coisas pelo lado bom. Não é fazer as coisas à deriva, porque isso, às vezes, em vez de beneficiar o paciente pode prejudicá-lo. Acho que tem muita utilidade tudo aquilo que me foi transmitido.

Parecem ter ocorrido algumas alterações na forma de estar e de sentir do formando, provocadas pelas aprendizagens durante as acções de formação:

Sinto-me diferente porque adquirir alguma cultura em relação aos primeiros socorros que nunca a tive, porque se calhar o ponto por onde andei na minha educação também nada se relacionava com isso, e encaro as coisas um bocado diferente. Nunca me passou pela cabeça que houvesse protocolos a nível da CEE em que há normas para socorrer pacientes, e agora sei que tudo isso está escrito, que foi acordado e que não se socorre um paciente de qualquer maneira e feito.

Em parte, se formos ao global, não tive situações que me agradassem menos. Tirando aquela parte de princípio, a parte teórica, em que para mim houve ali uns dias em que me estava a passar pela cabeça que era uma maçada, que nada daquilo me ia servir, depois o resto para mim foi agradável, até ao fim. Foi um tempo que eu passei naquela formação em que me é muito útil.

Por fim, o formando relatou a experiência de observação de um acidente que teve na escola onde trabalha:

Ao aperceber-me que uma ambulância estava a deslocar-se para o ginásio, por curiosidade e por ser empregado da escola, dirigi-me ao ginásio para ver o que é que se passava. E quando entrei no ginásio deparei com um indivíduo estendido no solo, que segundo as pessoas que assistiram, relataram que andavam a jogar futebol, chocaram os dois de cabeça, e um ficou estendido no chão. Quando cheguei ao local já estava o TAS a socorrer o paciente e abordei-o, e cheguei mais ao pé do paciente e das pessoas que estavam, para verificar, quase tipo fiscalizar, o que se estava a passar, para chegar à conclusão se tudo aquilo que o TAS ia fazer era relativamente que eu já tinha aprendido na acção que estava a frequentar.

E cheguei à conclusão, depois de todo o trabalho que foi feito, que as coisas foram feitas tal e qual como eu estava a aprender na acção de formação. Também cheguei a uma conclusão. Se não andasse na acção de formação, se calhar o meu pensamento, relativamente às funções que o TAS desempenhou, seria diferente, porque qualquer uma pessoa que chega ao pé de uma pessoa que está com um problema qualquer que não entende da matéria, ou que nunca passou por formação, se calhar, a primeira coisa que devia fazer era agarrar no doente, ou às costas, ou ao colo, e levá-lo para a ambulância para socorrê-lo o mais rápido possível, e eu como estando na formação, cheguei à conclusão que as coisas não podem ser assim, e já olhei totalmente diferente para a pessoa que estava a socorrer o paciente.

Se não tivesse andado na formação e se não tivesse passado por aquelas coisas todas, se calhar continuava a ter a minha maneira de pensar, e chegava lá e gritava com a pessoa: «socorra mas é a pessoa! Para que é que você está a fazer perguntas?»

Vi o TAS chegar ao pé da pessoa, chamar por ela para ver se reagia, perguntar pela idade, pelo nome, o dia em que estava da semana, se sabia o local onde estava. Depois passou para os membros inferiores e pondo-lhe a mão na biqueira dos ténis mandou-o fazer força, tanto faz num pé como no outro. Passou aos membros superiores, e meteu-lhe a mão na mão dele e mandou-lhe apertar a mão. Fiscalizou também a nível da vista. Depois fez o levantamento para uma maca dura, sem colar cervical, transportaram-no para a ambulância e seguiram para o hospital. Segundo aquilo que vi fazer pelo TAS, acho que as coisas foram feitas dentro da norma e correctamente. As coisas têm que ser feitas com cabeça, tronco e membros. Um paciente que está inanimado, no chão, não vamos agarrá-lo por uma perna para o transportar, seja para onde for. Temos que fazer o exame primário.

Em jeito de conclusão, o formando disse que:

A experiência por onde eu passei deveria ser estendida a todos os meus colegas. Principalmente na escola onde eu estou, há turnos, nem sempre aqueles que passaram pela acção de formação estarão presentes num eventual problema. Eu penso que isto deveria ser extensível a toda a gente, e em vez de ser facultativo deveria ser quase tipo obrigatório. As pessoas que estão nas escolas, nos infantários, a nível das repartições públicas deveriam todas ter esta formação em primeiros socorros.

No fim do curso o que me regozijou foi tudo aquilo que consegui assimilar. Foi criado um grupo à volta da formação, de pessoas que não se conheciam. Foi criado um espírito de camaradagem e de grupo inesquecível. Se tivesse oportunidade de aprofundar mais os meus conhecimentos, em novas acções de formação, só não me inscreveria nessas acções se não me deixassem ir, ou se não pudesse mesmo ir. Eu, hoje, a maior parte das coisas se não for fazendo uma reciclagem a mim próprio, dando umas voltas ao

livro e aos apontamentos que tenho, a maior parte das coisas esqueço-me. E ainda bem que não temos casos para praticar, porque senão, isto era o cúmulo, não é?

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em guisa de síntese, parece-nos que esta experiência foi francamente positiva, pela impressão que causou nos formandos, despertando-os para a autoaprendizagem e abertura para novas realidades, mas, em particular, no tipo de aprendizagens que terá gerado.

Em momentos futuros de realização desta acção, será conveniente atender aos seguintes aspectos, a melhorar:

- Utilizar uma linguagem mais simplificada, adaptada ao nível escolar dos formandos, embora sem imprecisões e erros.
- Imprimir menor profundidade nos assuntos para facilitar a assimilação.
- Apresentação de mais estudos de caso a fim de tornar os assuntos mais pertinentes.
- A menor profundidade conduzirá a maior tempo disponível para aprender.
- Melhorar a linguagem utilizada nos testes de avaliação das aprendizagens.
- Construir questionários de avaliação de acção objectivos e rigorosos, sem deixar margem para dúvidas acerca do que se pretende medir.